

AS IMPLICAÇÕES GEOPOLÍTICAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Florence Belo Sidney

Lorenzo Campomizzi Bueno Gontijo

Rita Flávia Gomes Carvalho

.....
46

Resumo

Diante da intensificação das interações entre atores internacionais em decorrência do fenômeno da globalização, as Instituições de Ensino Superior (IES) passaram a ter um papel cada vez mais significativo no cenário internacional. Portanto, o presente artigo propõe-se a analisar o processo de internacionalização das IES, a relação geopolítica entre a proveniência dessas instituições (países desenvolvidos ou países em desenvolvimento) e a influência que elas exercem no sistema internacional, sob a perspectiva Centro-Periferia.

Palavras-chave: Internacionalização. Instituições de Ensino Superior. Geopolítica. Centro-Periferia.

Abstract

In view of the intensification of interactions among international actors due to the globalization phenomenon, the Higher Education Institutions (HEIs) have played an increasingly significant role in the international scenario. Therefore, the present article proposes to analyze the internationalization process of HEIs, the geopolitical relationship between the provenance of these institutions (developed countries or developing countries) and the influence they exert in the international system, through the Core-Periphery perspective.

Keywords: Internationalization. Higher Education Institutions. Geopolitics. Core-Periphery.

1 Internacionalização do ensino superior: trajetória e características

Dentre as principais características da conjuntura mundial contemporânea, as fronteiras que anteriormente eram consideradas barreiras não somente geográficas, mas também políticas, econômicas e culturais passaram a ser transpostas por fluxos de interação responsáveis por aumentar a articulação internacional entre os Estados. Esse movimento de ampliação da integração se deu principalmente com o advento da globalização. Fenômeno que, de acordo com Nye (2009, p. 244), é caracterizado por “redes mundiais de interdependência” que permitem que as fronteiras nacionais sejam ultrapassadas com mais facilidade.

Interdependência, por sua vez, segundo Keohane e Nye, se apresenta como uma situação na qual existem “efeitos recíprocos entre países ou entre atores de diferentes países” (KEOHANE; NYE, 2001, p. 8, tradução nossa⁸). Essa reciprocidade, contudo, não indica necessariamente uma distribuição igualitária desses efeitos. Não obstante, refere-se ao fato de que todos os envolvidos são, de certo modo, afetados. Dessa forma, como um contexto interdependente não é imune a desigualdades de custos e ganhos, alguns atores possuem maior capacidade de influenciar os demais do que outros (KEOHANE; NYE, 2001).

Nye salienta ainda que globalização não é sinônimo de universalidade e homogeneização, uma vez que não cria uma cultura única de âmbito global e acaba por perpetuar - e até intensificar - as desigualdades em diferentes âmbitos (NYE, 2009). “Desde 1980 o debate sobre a globalização ocorre nas ciências sociais, o que inclui as Relações Internacionais” (ALDEN; ARAN, 2012, p. 10, tradução nossa⁹). E apesar de a globalização não unificar as nações, as ideias políticas, econômicas e sociais são mais difundidas internacionalmente, o que pode influenciar no modo como alguns Estados e atores internacionais se comportam (NYE, 2009).

8. “...to situations characterized by reciprocal effects among countries or among actors in different countries.”

9. “Since the 1980s, a stimulating and charged debate on globalizations has been taking place in the social sciences, including IR”.

Em consequência do processo de globalização, as Instituições de Ensino Superior (IES) também foram impactadas na medida em que, como produtoras de conhecimento e inovação, necessitam estar de acordo com as novas demandas de interação cultural, econômica e política (DUARTE; LIMA JÚNIOR; BATISTA, 2007). Dessa forma, as IES de destaque internacional podem se tornar “mercados na reprodução do capital, explorados pelas grandes empresas da economia central do capitalismo” (BORGES; AQUINO, 2013, p. 26), uma vez que elas se apresentam como precursoras de conhecimento e inovação, essenciais para o desenvolvimento econômico dessas empresas detentoras do capital (BORGES; AQUINO, 2013).

Os efeitos da globalização no Ensino Superior afetam, sobretudo, o plano de internacionalização das instituições universitárias. Segundo Alden e Aran (2012), internacionalização trata-se de uma “crescente interdependência entre os Estados” (ALDEN; ARAN, 2012, p. 81, tradução nossa¹⁰) e, portanto, possui uma estreita relação com a globalização, “um processo multidimensional que envolve crescente incorporação de atividades políticas, [...] econômicas, sociais e culturais em uma esfera global de atividade” (ALDEN; ARAN, 2012, p. 78, tradução nossa¹¹). Contudo, o processo de internacionalização se diferencia da globalização na medida em que as fronteiras não são violadas, ou seja, “a internacionalização assume que os Estados continuem a ser unidades nacionais discretas com fronteiras claramente demarcadas” (MCGREW apud ALDEN; ARAN, 2012, p. 81, tradução nossa¹²). Por conseguinte, é perceptível um reordenamento da estrutura que regimenta não só as relações entre os Estados, mas também entre as universidades ao redor do mundo.

Adentrando na especificidade da internacionalização do ensino superior, Knight (2003) a define como um “processo de integração de uma dimensão internacional ou intercultural nas funções de ensino, pesquisa e

10. “...a growing interdependence between states”.

11. “a multidimensional contested process that involves an increasing embedding of political, military, economic, social and cultural activities in politically unified (quasi) global sphere of activity”.

12. “internationalization assumes states continue to be discrete national units with clearly demarcated and mutually exclusive borders”.

extensão da instituição” (KNIGHT, 2003, p. 3, tradução nossa¹³). À vista disso, a internacionalização é uma ferramenta para se alcançar um maior conhecimento intercultural, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e percepções valorizadas na atual conjuntura do sistema internacional (KNIGHT, 2012).

Apesar dos benefícios que a internacionalização pode trazer para uma universidade, é imprescindível abordar seus possíveis riscos e eventuais efeitos indesejados. Um dos principais problemas referentes ao processo de internacionalização diz respeito à “fuga de cérebros”, ou seja, à migração considerável de pessoas com formação superior para, majoritariamente, países com alto grau de desenvolvimento. Tal movimento prejudica os países em desenvolvimento, pois acabam perdendo mão de obra qualificada, essencial para o seu crescimento (KNIGHT, 2012).

Uma das principais razões para o problema citado é a diversidade dos níveis e condições de ensino e pesquisa no cenário internacional. Em países desenvolvidos, notam-se melhores estruturas, tecnologias e maior acesso ao conhecimento, enquanto nos países em desenvolvimento, esses recursos são mais escassos. Esse fator pode ser considerado um dos motivos causadores da “fuga de cérebros”, assim como também deixa nítida a disparidade existente no âmbito educacional global, como apontam Mazzetti, Oliveira e Pezarico a seguir:

O que se observa, porém, é que tanto o acesso a esse conhecimento, como a capacidade para dele se apropriar ou manejá-lo, estão permeados por um amplo nível de desigualdade, seja entre pesquisadores, instituições de pesquisa ou países. A ciência se mostra tão egoísta quanto a economia ou a política. Indivíduos, instituições ou países que detêm o poder, ou o conhecimento, utilizam-se desta condição para manter o status quo hegemônico (MAZZETTI; OLIVEIRA; PEZARICO, 2017, p. 1).

Em decorrência dessa marcante desigualdade nas IES entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento, juntamente com a perda de mão de obra qualificada, constata-se uma relação interdependente, caracterizada pela

13. “the process of integrating an international or intercultural dimension into the teaching, research, and service functions of the institution”.

crescente preocupação das universidades dos países em desenvolvimento em seguir os padrões dos desenvolvidos, aproximando-se dessas instituições por meio de acordos de cooperação; e por uma investida por parte de universidades de países desenvolvidos em “atrair mentes” e reproduzir conhecimento.

Essa relação é ainda analisada por Mollis (2006, p. 90, tradução nossa¹⁴) como uma geopolítica do saber e do poder, na qual os países periféricos “consomem o conhecimento produzido pelos países que dominam econômica e culturalmente a globalização, e que por sua vez, retribuem às instituições universitárias da periferia uma função econômica para treinar recursos humanos”.

Dito isso, a interação presente entre os campos político, econômico e geográfico propõe que a análise seja feita a partir da geopolítica. Esta que pode ser compreendida como “uma análise da interação entre, por um lado, configurações e perspectivas geográficas e, por outro lado, processos políticos, abordando as consequências dessa interação” (COHEN, 2003, p. 12, tradução nossa¹⁵). A despeito disso, a *geopolítica do conhecimento*¹⁶, aplicada no âmbito das IES, pode ser utilizada pelas instituições de forma pragmática, com o intuito de alcançar resultados e aumentar o grau de influência da instituição referida em um plano não apenas geográfico, mas também político, social e principalmente econômico. Este movimento acaba afetando – seja de maneira intencional ou não – todas as outras instituições que estão submetidas a essa influência.

14. “países que consumen el conocimiento producido por los países que dominan económica y culturalmente la globalización, quienes a su vez reasignan a las instituciones universitarias de la periferia una función económica para entrenar “recursos humanos”.

15. “Geopolitics is the analysis of the interaction between, on the one hand, geographical settings and perspectives and, on the other hand, political processes. [...] Both geographical settings and political processes are dynamic, and each influences and is influenced by the other, addressing the consequences of this interaction.”

16. O termo utilizado no presente trabalho *Geopolítica do Conhecimento* advém da obra de Walter D. Mignolo (2002) “Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference”, na qual ele disserta sobre a falta de diversidade epistemológica dentro do sistema-mundo em razão do desequilíbrio de poder no cenário internacional e a ascensão do capitalismo e da globalização. Alegando, assim, que isso acabou influenciando na preponderância de países centrais como agentes monopolizadores do conhecimento ao longo dos séculos.

O estudo da internacionalização das IES trata-se, portanto, de uma relação geopolítica, uma vez que as desigualdades socioeconômicas entre países centrais detentores de poder e países periféricos que se submetem aos ideais dos primeiros acabam moldando um cenário de competição e cooperação entre universidades do âmbito global. Ambiente o qual é marcado por interesses específicos das partes e disputas por poder e influência.

Nota-se, portanto, uma conjuntura caracterizada por uma crescente interdependência, na qual distintos atores (considerando não somente os Estados como atores unitários do sistema internacional - agora também com a presença das IES) com interesses e capacidades de ação distintas e cujas relações produzem efeitos que ultrapassam limites nacionais. Portanto, é de extrema relevância uma abordagem do processo de internacionalização do Ensino Superior apoiada pelas concepções das Relações Internacionais (RIs), campo de estudo em que o papel é justamente analisar essas relações que transpassam fronteiras.

2 A perspectiva centro-periferia

As teorias do campo de estudo das Relações Internacionais, assim como de qualquer outro campo, vêm para facilitar a compreensão de fenômenos específicos e apresentar uma lente de análise que sirva de instrumento para absorver com maior precisão o caso a ser investigado. No caso das Relações Internacionais, essas teorias são utilizadas para compreender o Sistema Internacional e as suas interfaces, que são representadas pela interdependência entre atores internacionais e caracterizadas comumente por relações de cooperação e/ou conflito. Porém, isso não quer dizer que uma teoria represente uma verdade absoluta e nem que esta reconheça apenas uma maneira de analisar o fato em questão. Na realidade, elas promovem diversos debates, todos eles a partir das diferentes abordagens e perspectivas epistemológicas acerca de um mesmo tema (DUNNE; KURKI; SMITH, 2013).

.....
52

A partir da concepção de Immanuel Wallerstein (1976) a respeito da formação de um sistema-mundo¹⁷ unificado, é necessário enfatizar a perspectiva Centro-Periferia, uma lente de análise que trata da divisão do espaço geográfico mundial em três grandes zonas de influência: o Centro, caracterizado pelas potências internacionais que detêm uma hegemonia no âmbito global e aqueles países considerados desenvolvidos; a Semiperiferia, retratada pelos países que não podem ser considerados Estados hegemônicos no sistema-mundo, mas detêm grande influência no seu âmbito regional e local; e a Periferia, representada pelos países que compõem o restante do espaço geográfico mundial e não possuem significativo impacto no cenário internacional com relação ao seu poderio econômico, político e/ou tecnológico, e são enquadrados como países em desenvolvimento.

Apesar do termo “periférico” em seu sentido denotativo significar algo que está às margens, é perceptível que a nomenclatura utilizada para se referir aos diferentes Estados do sistema-mundo que se enquadram nessa característica já não é mais a de países de Terceiro-Mundo, países subdesenvolvidos ou países periféricos. O termo utilizado atualmente “Países em Desenvolvimento” representa uma mudança no tratamento desses atores perante o Centro e demonstram um ar de evolução, progresso, e de que o caminho do mesmo é em direção ao desenvolvimento.

A utilização dessa perspectiva no presente artigo, portanto, não tem o objetivo de depreciar a imagem dos países em desenvolvimento, retratando-os como sendo inferiores aos países desenvolvidos, mas sim justapor essa perspectiva de Centro e Periferia com a análise do processo de internacionalização de universidades. Tal interesse parte do princípio de que o ambiente das IES no mundo, assim como o cenário geopolítico internacional, pode ser compreendido por meio da divisão de diferentes regiões do globo, relacionadas por uma dependência mútua entre as partes.

17. De acordo com Wallerstein (1976), o sistema-mundo que temos hoje só foi definido, de fato, após a delimitação de todos os territórios do espaço geográfico da Terra e a distribuição das colônias entre as potências. A partir daí os países se tornaram interligados e alcançaram um nível de dependência cada vez maior entre si.

No presente trabalho, a analogia feita entre Centro e Periferia e as relações do sistema de ensino superior no cenário internacional partem do entendimento de que existem duas grandes regiões: o (1) centro, representado principalmente pela América anglo-saxônica e Europa Ocidental/Central, e a (2) periferia, formada por uma macrorregião que abarca a África, América Latina, Oriente Médio, Ásia e Oceania – com exceção máxima do Japão, China, Austrália e Nova Zelândia, pois esses últimos se enquadram também como pertencentes ao Centro (CONTEL; LIMA, 2007; ARRIGHI; DRANGEL, 1986).

De acordo com Kritz (2006) e dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)¹⁸, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)¹⁹ e do Instituto de Educação Internacional (IEE),²⁰ as regiões de Centro seriam as zonas que concentram grande parte das universidades mais prestigiadas do mundo, são o berço de inovações tecnológicas contemporâneas e o alvo da maioria dos estudantes estrangeiros de nível superior.

Em contraposição ao Centro, a região da Periferia é marcada por economias médias ou baixas, geralmente apresentando níveis de desigualdade social, analfabetismo e desemprego elevados em sua abrangência espacial (O’SULLIVAN; SHEFFRIN, 2003; FMI, 2015; BANCO MUNDIAL, 2017). Além disso, a periferia é a principal fonte de alunos estrangeiros das universidades do Centro (IEE, 2017). O nível acadêmico também acaba sendo influenciado, principalmente pelo fato de que há um protagonismo de artigos científicos publicados em idiomas provenientes de países do Centro, o que implica em

18. O relatório “Education at a Glance 2017”, da OCDE, nos permite acompanhar o desenvolvimento da educação no mundo a partir de uma compilação de dados que mapeiam os investimentos na área e a situação de cada país com relação ao impacto gerado por esses investimentos.

19. O relatório “Education for People and Planet 2016”, da UNESCO, nos permite acompanhar a grande disparidade existente entre a qualidade dos sistemas educacionais de países ricos e pobres no mundo, por meio de indicadores baseados em dados quantitativos que refletem o peso que o poderio econômico e político dos países traz para a educação.

20. O Institute for International Education (IEE) criou o Projeto Atlas, um relatório produzido com o objetivo de “compartilhar dados precisos e oportunos sobre a mobilidade dos alunos no nível de ensino superior, abordando a necessidade de uma melhor comparabilidade da pesquisa em dados de mobilidade acadêmica.” (IEE, 2017). Este documento nos permite consultar quais são os principais países de destino e de origem de alunos estrangeiros nos programas de mobilidade acadêmica, graduação e pós-graduação no mundo.

maiores contribuições teóricas advindas desta região. Situação que, segundo Mignolo (2002), pode ser considerada como um resquício do domínio epistêmico sofrido pelas colônias no século XVI e que podemos inferir que corroborou para, já no século XXI, a persistência desse domínio - transposto agora na forma de influência dos países centrais sobre os países em desenvolvimento e as suas respectivas IES.

.....
54

Desta forma, a definição do sistema-mundo de Wallerstein (1976) permite uma compreensão de forma abrangente sobre a acumulação desigual de conhecimento na contemporaneidade e suas consequências. Observa-se então que as IES acabaram figurando como unidades de análise que possuem diferentes níveis de conhecimento, divididos entre centro e periferia. Além disso, nota-se que o aparato burocrático de cada país influencia na importância dada às pesquisas e no volume de investimento feito impactando diretamente no seu reconhecimento internacional e na sua capacidade de produção de conhecimento.

3 Considerações finais

As relações de poder comumente examinadas no plano interestatal foram aplicadas neste trabalho através da perspectiva Centro-Periferia, de Wallerstein, com o intuito de associá-la à conjuntura atual das instituições de ensino superior no mundo. Esse paralelo pôde ser traçado devido à nítida influência que os países do Centro exercem sobre os países da Periferia, assim como as universidades do Centro acabam influenciando as universidades da Periferia.

No entanto, embora o panorama geral pareça deixar escancarada essa sobreposição do Centro sobre a Periferia, é fundamental se atentar para o fato de que para além dessa ingerência, é possível identificar uma relação de interdependência - IES do Centro e IES da periferia - de modo que as universidades "centrais" precisam que alunos advindos da periferia se matriculem e curse seus programas.

É proveitoso para elas estabelecer e manter vínculos com universidades periféricas, pois alunos estrangeiros²¹ pagam tuition and fees (mensalidades e taxas) elevadas (o que aumenta a geração de lucro para a instituição) e, sendo um polo acadêmico de prestígio, conseguem mais facilmente atrair alunos de excelência acadêmica – por exemplo – e que posteriormente podem vir a contribuir para a própria instituição e para o país de destino.

Do outro lado desta relação de interdependência, as universidades da periferia acabam sendo constringidas a seguir, preferencialmente, dois caminhos: se submeterem à influência do Centro e se tornarem dependentes, porém mais “desenvolvidas” e próximas dos supostos grandes centros do saber, ou não se submeterem a essa influência – seja de maneira voluntária ou involuntária – com um pressuposto de estar buscando autonomia, mas correrem o risco de ficarem defasadas com relação à qualidade do ensino superior.

Independentemente dos caminhos a serem traçados pelas IES, o que se pode inferir é que as influências existentes em certa medida moldam o processo de internacionalização das mesmas. Logo, as decisões a serem tomadas pelas universidades a respeito de suas interações internacionais estarão relacionadas à sua própria capacidade e interesse de atuar no sistema-mundo, considerando também as outras instituições inseridas nesse mesmo sistema e os seus respectivos interesses e capacidades.

Agradecimento

Agradecimento especial ao Professor Dr. Rodrigo Corrêa Teixeira, do Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pelas contribuições na construção deste artigo.

21. Geralmente esses alunos são originários de países em desenvolvimento, pertencentes a uma classe social privilegiada dentro da sua sociedade, e que veem no Centro uma oportunidade acadêmica melhor que as oferecidas em seu próprio país.

REFERÊNCIAS

ALDEN, C.; ARAN, A. Foreign policy, globalization and the study of foreign policy analysis. In: ALDEN, Chris; ARAN, Amnon. *Foreign Policy Analysis: New approaches*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2012. Cap 6, p. 78-91.

ARRIGHI, G.; DRANGEL, J. The Stratification of the World-Economy: An Exploration of the Semiperipheral Zone. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. 10, n. 1, Anniversary Issue: The Work of the Fernand Braudel Center, p. 9-74, 1986.

BANCO MUNDIAL. *World Development Report: Governance and the Law*. International Bank for Reconstruction and Development. The World Bank. Washington, DC, 2017. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/en/publication/wdr2017>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BORGES; AQUINO. Ensino Superior à ordem do capital internacional. *Revista GUAL*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 22-32, abr. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2013v6n2p22>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

COHEN, S. B. *Geopolitics of the World System*. Rowman & Littlefield Publishers. Oxford, UK, 2003.

CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES (CLACSO). Buenos Aires, nov. 2006. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/vessuri/Marcela%20Mollis.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

CONTEL, F. B.; LIMA, M. C. Aspectos da internacionalização do ensino superior: origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual. *INTERNEXT – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM*, São Paulo, p. 167-193, 2007.

DUARTE, R. G.; LIMA JÚNIOR, A. F.; BATISTA, R. V. L. O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: o caso das Pontifícias Universidades Católicas de Minas Gerais e do Paraná. *E&G Economia e Gestão*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 1-178, 1. sem. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/20>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

DUNNE, T.; KURKI, M.; SMITH, S. *International Relations Theories: Discipline & Diversity*. 3rd ed. Reino Unido: Oxford University Press, 2013. p. 1-9.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). *The Global Push to End Extreme Poverty*. Finance & Development: A Quarterly Publication of the International Monetary Fund, v. 52, n. 2. 2015.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR EDUCATION (IEE). *Project Atlas: Student Mobility*. 2017. Disponível em: <<https://www.iie.org/Research-and-Insights/Project-Atlas>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

KEOHANE, R. O.; NYE, J. S. *Power and Interdependence*. 3rd ed. [s.L.]: Pearson Longman, 2001.

KNIGHT, J. Five Truths about Internationalization. *International Higher Education*, n. 69, 2012. Disponível em: <<https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8644>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

----- Updating the definition of internationalization. *International Higher Education*, 2003. Disponível em: <<https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/7391>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

KRITZ, M. M. Globalisation and internalisation of tertiary education. In: UNITED NATIONS SECRETARIAT. Population Division. Turim, International Symposium on International Migration and Development, 2006.

MAZZETTI, A. C.; OLIVEIRA, M. R.; PEZARICO, G. Relação Centro X Periferia no Contexto Universitário dos Países Centrais e Latino-Americanos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 8., Territórios, Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. 13-15 set. 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/16257/4452>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MIGNOLO, W. D. The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference. *The South Atlantic Quarterly*. Copyright by Duke University Press, 2002. p. 58-96.

MOLLIS, M. Geopolítica del Saber: biografías recientes de las universidades latinoamericanas. En publicación: Universidad e investigación científica. Vessuri, Hebe, 2006.

NYE, J. Cooperação e conflito nas relações internacionais: uma leitura essencial para entender as principais questões da política mundial. Tradução de Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Gente, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). Education for People and Planet: Creating Sustainable Futures for All. 2016. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002457/245752e.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Education at a Glance: OECD Indicators. 2017. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/9617041e.pdf?expires=1517362624&id=id&accname=guest&checksum=8BF3239728A781F44378AFC385424DF5>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

O'SULLIVAN, A.; SHEFFRIN, S. M. Economics: Principles in Action. Upper Saddle River, New Jersey 07458: Pearson Prentice Hall, 2003.

WALLERSTEIN, I. The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. New York: Academic Press, 1976. p. 229-233.